



Cap sur l'école inclusive  
en Europe



## Boas Práticas

### Avaliar o lugar do “objeto autista”

#### Tronco do módulo R

Contacto : JL Lenoir.



#### 1/ Contexto

O contexto previsto pode ser uma escola primária ou secundária

#### 2/ Objetivos

A finalidade desta ficha pedagógica é duplo: primeiro, permitir a avaliação da função e lugar do chamado objeto “autista” no acompanhamento de uma criança com necessidades educativas especiais e, por outro lado, limitar os efeitos invasivos da psique do aluno deste objeto.

Aqui, o desafio será considerar esta modalidade particular da relação com o objeto (que se deve permitir, apoiar mas também limitar) para permitir ao aluno reentrar na dinâmica da aprendizagem e na vida do grupo turma.

#### 3/ desenvolvimento

Estamos numa turma regular onde uma criança tem uma desordem do espectro do autismo (DEA). Por vezes, afasta-se para o seu canto e pega num objeto em especial (o que parece ter um efeito calmante sobre ele mas que se conota ao mesmo tempo com a recusa de qualquer forma de relações intersubjetivas), assim confronta os profissionais com um paradoxo e consequentemente com uma dificuldade em pensar na posição que seria relevante e que iria ao encontro das necessidades da criança.

O tema prático desta ficha será permitir à criança limitar o lugar que este objeto autista tem no seu dia a dia ou numa situação de aprendizagem, em especial, limitar o que é para ele a causa de perturbação emocional.

Compreender a função do objeto autista num contexto de aprendizagem é complexo. Se a função do “brinquedo fofinho” (que é um objeto transitório) é permitir à criança experienciar a separação das suas figuras de ligação de uma forma progressiva, deve ter-se em atenção que o objeto autista não tem a mesma função. É um objeto com o qual a criança, durante uma atividade pedagógica ou num período de

partilha entre o professor e o grupo de alunos, pode subitamente ficar “ligado”. A criança, por causa da hipersensibilidade específica do DEA, isola-se enquanto brinca com um objeto de interesse limitado e numa dinâmica de repetição estereotipada da mesma experiência motora e sensorial (por exemplo girar uma bola entre o polegar e o indicador, girar as rodas de um pequeno carro nas bochechas) , para lidar com o que sente como uma risco de desorganização emocional.

Confrontado com a criança que recorre ao objeto autista o professor pode:

- **Evitar focar o apoio nas proibições no que diz respeito o objeto autista** (este objeto permite-lhe estruturar a sua relação com o meio social e experiências emocionais) **mas trabalhar ( em cooperação com a criança) numa limitação da sua utilização.**

Esta tarefa pode ser feita de u modo adaptado à singularidade de cada situação.

Esta limitação pode ser feita em especial ao nível espacial e temporal: isto é, definir o número de vezes que a criança pode pedir este objeto e, segundo, definir os espaços onde ela pode pedir o objeto. Assim, pistas de som ou relacionadas com o espaço, iniciando o início de uma atividade e significando para a criança o momento para pousar o objeto. É importante repetir os mesmos passos sempre pela mesma ordem, no mesmo lugar, bem identificados pela criança.

Além disso, pode-se imaginar uma abordagem evolutiva no que diz respeito ao espaço do objeto indo do mais perto para mais longe e do visível para escondido. No início, quando a criança descobre uma nova sala de aula ou atividade, pode primeiro colocar o objeto na mesa ao pé dele, bem visível. A pouco e pouco, a distância pode aumentar gradualmente (por exemplo, pô-lo bem alto no cimo de uma peça de mobiliário, o objeto permanece bem visível).

Quando a criança for capaz de o fazer, pode guardar o objeto sempre no mesmo lugar (primeiro perto dele, no bolso, por exemplo, depois mais longe, por exemplo no seu cacifo). Este princípios devem ser feitos com a criança, e devem ser reavaliados para cada criança de acordo com a singularidade dos acontecimentos que ela está a viver.

- Organizar um enquadramento educativo que permita à criança **expressar as suas emoções**. Este trabalho de expressar e relatar emoções e sentimentos irá permitir à criança organizar as suas emoções, para as estruturar, para dar sentido aos acontecimentos que está a viver e para aprender com os outros por imitação. Para fazer isto, o professor pode usar um conjunto de **ferramentas de ensino**:

- ✓ Pode apoiar-se em textos direcionados que permitem a partilha, para contar e nomear as emoções e os sentimentos das personagens
- ✓ Pode usar **apoios audiovisuais que mostram a variedade de situações emocionais**, assim permite à criança dar sentido aos sentimentos que experiencia e a posicionar-se como um sujeito envolvido na sua própria vida emocional. Este apoio audiovisual pode ter a forma de pictogramas, fotos, a escolha destas imagens será feita, tanto quanto possível com o aluno ou com os seus pais, de acordo com s suas capacidades e as suas especificidades (usando, por exemplo, os seus interesses limitados e o que ele já conhece). Assim o uso de imagens de objetos familiares da casa da criança podem promover a sua consciencialização espacial da sala de aula.
- ✓ Organizar um enquadramento pedagógico que permita à criança identificar convenções e códigos sociais. A falta de conhecimento relacionado com esses códigos pode, na verdade, colocar a criança numa situação delicada e de ansiedade, assim, ao trabalhar estas

referência sociais ajudará a evitar situações que causam ansiedade de dificuldades em gerir as emoções. Para fazer isto pode usar um conjunto de ferramentas de ensino:

- ✓ Usar apoios (textos, fotos, extratos de filmes) onde os códigos sociais e convenções sociais podem ser explicados e clarificados. Esta explicação permitirá à criança lidar com situações sociais que de outro modo seriam incompreendidas, e assim estruturar e antecipar as suas interações sociais.
- ✓ Usar reflexões de grupo sobre situações potencialmente reais pode ser muito enriquecedor para a criança co DEA para imaginar os possíveis comportamentos e reações num dado contexto e para gradualmente ser capaz de identificar um pouco melhor as emoções do outro e o que se pode esperar como resposta.

#### 4/ Avaliação

- verificar o bem estar da criança no grupo e nas situações de aprendizagem. Ela consegue participar na aula e noutras atividades? É ou não demasiado introvertida? Sente-se bem a partilhar com as outras crianças do grupo ou com algumas delas em particular? É de algum modo comunicativa com os adultos à sua volta? O número de “surto” ou “crises” diminuiu ou está controlado?
- Providencie espaços para conversar com o grupo das crianças, os professores, os acompanhantes e se possível a família para recolher o que a criança sente, o que ela pode dizer sobre o lugar que se está a tentar encontrar para ela dentro da escola. Ela sente-se confortável neste lugar?

#### 5/ Limites

Nas situações das desordens do espectro do autismo (DEA) , estes objetos podem parecer ocupar todo o espaço, invadindo o espaço da mente da criança e monopolizando a sua atenção de tal modo que a tornam hermética a qualquer mudança e a qualquer relação de aprendizagem. Mas também se deve considerar que esses objetos têm ao mesmo tempo uma função de localização, autorregulação e estruturação das experiências corporais e emocionais experienciadas pela criança.

#### 6/ Perspetivas

Atender a esta modalidade particular da relação com o objeto permite ao aluno reentrar na dinâmica da aprendizagem e na vida do grupo turma, o que lhe abre novas possibilidades do ponto de vista educativo e pedagógico e o acesso a novas competências e capacidades para a criança acompanhada. Abertura aos outros, trabalho individualizado e de socialização, competências sociais. Este acompanhamento pode ser complementado considerando as modalidades particulares da expressão afetiva e emocional das crianças com necessidades educativas especiais.